

TERRITÓRIOS CULTURAIS: DESAFIOS E BOAS PRÁTICAS NA ARTICULAÇÃO E NO DIÁLOGO DE UNIDADES DO SESC SÃO PAULO EM SEUS TERRITÓRIOS DE ATUAÇÃO

Bárbara Guirado, Bruno Melnic, Diogo Bueno de Lima¹,
Fabio Mattos, Jefferson Alves e Ricardo Martins

RESUMO

Este artigo investiga as potencialidades e os desafios na gestão de equipamentos culturais, considerando a relação dinâmica com os territórios em que estão inseridos. O trabalho analisa estratégias, caminhos e boas práticas para o estabelecimento de relações dialógicas, democráticas, acolhedoras e eficazes entre o equipamento cultural e a comunidade. Como estudo de caso, será abordado o período da unidade provisória e a implementação da unidade do Sesc Santo Amaro, fruto de um rico mapeamento e de constante diálogo com os fazedores de cultura e a comunidade local, projeto posteriormente denominado “Santo Amaro em Rede”. A pesquisa baseia-se em documentos referenciais do Sesc São Paulo e na análise qualitativa de entrevistas com técnicos, pesquisadores e membros da comunidade envolvidos nesse projeto, o qual mapeou 290 experiências de instituições, grupos, artistas e entidades da zona sul de São Paulo e adjacências, além de 33 experiências individuais, totalizando 323 iniciativas mapeadas entre grupos e indivíduos.

Palavras-Chave: Mapeamento sociocultural. Território. Redes.

ABSTRACT

This article investigates the potential and the challenges in the management of cultural facilities, considering their dynamic relationship with the territories in which they are located. The study analyzes strategies, pathways and best practices for establishing dialogical, democratic, welcoming, and effective relationships between the cultural facility and the community. As a case study, it examines the period of the provisional unit and the implementation of the Sesc Santo Amaro unit, which was the product of a rich mapping process and ongoing dialogue with cultural practitioners and the local community – a project later named “Santo Amaro em Rede” (“Santo Amaro in Network”). The research is based on

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade Santa Marcelina. Chefe de Gabinete da Secretaria da Cultura e Turismo de Barueri (SP). E-mail: cultura.bueno@gmail.com.

reference documents from Sesc São Paulo and a qualitative analysis of interviews with technicians, researchers and community members involved in the project, which mapped 290 experiences from institutions, groups, artists, and organizations in the southern region of São Paulo and surrounding areas, as well as 33 individual experiences, totalizing 323 initiatives mapped across groups and individuals.

Keywords: Sociocultural mapping. Territory. Networks.

INTRODUÇÃO

A ideia de cultura tem evoluído ao longo da história, com um conceito ampliado que se origina da antropologia e foi enfatizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na Conferência Mundial de Políticas Culturais de 1982. Esse conceito vai além das artes, abrangendo tradições, valores, crenças e modos de vida de grupos sociais. Se antes a cultura estava associada a um conceito elitista, restrito às belas artes, hoje ela é reconhecida como algo essencialmente humano e ligado à vida cotidiana. Com essa mudança, as instituições culturais são desafiadas a repensar sua atuação, abandonando a ideia de levar uma cultura oficial aos grupos sem acesso – proposta por André Malraux – e adotando uma abordagem mais inclusiva e dialogada.

O conceito ampliado de cultura e a ideia de democracia cultural incentivam as instituições a valorizar as potencialidades dos territórios onde estão localizadas. Ao entender o território como um ambiente cultural dinâmico, a gestão de equipamentos culturais deve fundamentar-se na escuta e no diálogo com a comunidade, promovendo cooperação mútua e integração entre os valores institucionais com as identidades locais. Para evitar a irrelevância, esses espaços devem realizar mapeamentos culturais que permitam entender os hábitos e práticas dos grupos locais, incorporando-os às suas atividades. A análise da instalação da unidade provisória do Sesc Santo Amaro visa avaliar as lições aprendidas sobre gestão territorial, estruturando-se em três partes: a base teórica, a importância da atuação territorial para o Sesc e as respostas das entrevistas sobre o processo de mapeamento e sobre ações culturais.

Quais estratégias foram utilizadas para articular e atuar junto aos territórios ocupados? Quais emergem nessa relação? Como os trabalhos iniciais de mapeamento repercutem ao longo do tempo?

Parte fundamental do trabalho das unidades do Sesc São Paulo é sua relação com os territórios adjacentes à unidade. O estabelecimento de trocas significativas com as comunidades vizinhas, por meio de uma escuta ativa, tem impacto direto na presença desse público nas unidades, na

curadoria das programações e na atuação mais transformadora do equipamento cultural naquela região. Nesse sentido, falar de território significa abordar questões de identidade, diálogos, escuta, trocas, mapeamento cultural, expectativas, entraves, acessos.

DIMENSÕES DA CULTURA

Para analisarmos a relação de uma instituição cultural com seu entorno, ou seja, com os territórios que compõem sua esfera de atuação, é necessário delimitar quais dimensões da cultura serão abordadas e quais esferas serão consideradas, já que essa distinção impacta diretamente na definição de estratégias de trabalho junto a públicos diversos.

A gestora cultural Isaura Botelho, referência nos estudos sobre políticas culturais no Brasil, realiza uma importante análise sobre as dimensões antropológicas e sociológicas da cultura. Segundo a autora, “na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas”. Ou seja, nessa perspectiva, a cultura abrange tudo o que o ser humano elabora e produz, tanto simbólica e quanto materialmente. Já no âmbito da dimensão sociológica da cultura, “conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, em âmbito especializado, significa dizer que é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público” (Botelho, 2007, p. 4).

A produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos podem relacionar-se de forma mais efetiva com as políticas culturais por meio de diagnósticos elaborados, do reconhecimento de problemas e da proposição de estratégias e diálogos programados. Isso requer ferramentas como mapeamentos, indicadores e outros referenciais do campo da gestão cultural.

DIREITO À CIDADE, MAPEAMENTO CULTURAL E TERRITÓRIOS

O mapeamento de território é essencial na construção de políticas culturais, especialmente ao considerar o conceito de Direito à Cidade, de Henri Lefebvre. Esse conceito defende o direito não apenas ao acesso, mas também à participação ativa na transformação dos espaços urbanos. A cidade é vista como um campo de liberdade e participação, e essa perspectiva é fundamental para a criação de políticas culturais inclusivas e democráticas.

No campo da gestão cultural, o mapeamento é indispensável para identificar as dinâmicas culturais locais, como equipamentos culturais, práticas informais e redes de produção e consumo. Essa ferramenta possibilita o desenvolvimento de estratégias que atendam às necessidades das comunidades e promovam uma distribuição mais justa dos recursos culturais. Além disso, o mapeamento ajuda a revelar desigualdades espaciais e sociais, alinhando-se à proposta de Lefebvre de combater a segregação e garantir o acesso igualitário às oportunidades culturais. Ao identificar áreas carentes de infraestrutura cultural, o mapeamento orienta políticas que busquem corrigir essas disparidades, assegurando que a cultura seja um direito universal.

O processo de mapeamento pode incluir a participação ativa da comunidade, o que está em consonância com a ideia de Lefebvre de que os habitantes devem ter voz na criação do ambiente urbano. Quando as políticas culturais são desenvolvidas de forma participativa, em diálogo com os frequentadores, elas refletem melhor as identidades e aspirações locais, promovendo um maior senso de pertencimento. Para Lefebvre, os espaços urbanos não devem ser vistos apenas como ferramentas para interesses econômicos, mas como locais de participação e apropriação. O mapeamento de territórios, nesse sentido, é uma ferramenta essencial para reconhecer e sistematizar a diversidade cultural, contribuindo para a criação de programas que celebrem essa diversidade.

Outra autora que destaca a importância da relação entre participação pública e gestão cultural é Tatiani Távora. Em Sociedade civil e gestão da cultura: relevância e meios para a participação, Távora reforça a ideia de que a participação civil é uma prática fundamental na criação de projetos culturais que estejam alinhados às necessidades locais..

[...] podemos definir o termo “participação” como sendo uma maneira de “tomar parte” em uma discussão, com o compromisso de focar no melhor funcionamento da gestão para o bem público e compartilhar essas decisões em um determinado grupo, a fim de debater e encontrar o melhor resultado; e, a partir daí, comunicar as soluções encontradas por esse grupo para o maior número de pessoas e grupos possíveis, com o intuito de validar tais soluções e, quem sabe, promover sua replicação em outros grupos e contextos. (Távora, 2018, p. 10.)

Em outra obra, *O direito à cidade*, Távora enfatiza que a participação de públicos e grupos nas decisões de políticas culturais fortalece a diversidade e a acessibilidade cultural. Identificar práticas e atores locais contribui para uma melhor organização dos recursos culturais, os quais devem ser entendidos de forma ampla, incluindo eventos, espaços e equipamentos culturais. Esses recursos precisam ser avaliados constantemente,

considerando as necessidades dinâmicas das comunidades, o que reforça a importância de uma avaliação contínua de projetos e políticas culturais.

Engajar um grupo na escuta, no diálogo e na partilha das tomadas de decisão exige, antes de tudo, conhecê-lo. Nesse sentido, o mapeamento cultural assume um papel central, ao fornecer dados que orientam a implementação de ações e projetos culturais..

SESC: ANÁLISE DOS PARÂMETROS INSTITUCIONAIS

Apresentados os conceitos que fundamentam a prática de produção de políticas culturais, cabe analisar os balizadores conceituais que direcionam a atuação do Sesc como instituição nos territórios em que se insere. Essas diretrizes definem o escopo de atuação (o que deve ou não ser realizado), as prioridades (grau de importância de cada campo) e a forma como tais relacionamentos são construídos (metodologias participativas, dialógicas ou não).

O Sesc São Paulo destaca a Carta da Paz Social como um documento fundamental para suas ações. Essa carta busca harmonizar as relações entre trabalhadores e empregadores, especialmente em um contexto pós-guerra e de divisões sociais. Além disso, propõe elevar o padrão de vida do brasileiro, promover uma melhor distribuição da renda e garantir uma existência digna, proporcionando mais participação na riqueza produtiva. A carta também sugere que o capital seja visto como um meio de expansão econômica e bem-estar coletivo. Superar a desigualdade, ainda presente na sociedade, é essencial para alcançar a transformação social desejada pela carta.

A consistência de atuação histórica do Sesc tem se desdobrado em uma expressiva relevância na colaboração para a produção de políticas em diversas áreas de atuação. Um indicativo dessa importância é o fato de que, conforme consta no site oficial do Sesc São Paulo:

“[...] a instituição tem sido convidada a integrar conselhos, comitês, associações, colegiados, fóruns e grupos de trabalho variados. Hoje, 50 organizações nacionais e internacionais do campo das artes, esportes, cultura, saúde, meio ambiente, turismo, serviço social e direitos humanos contam com representantes do Sesc São Paulo em suas instâncias consultivas e deliberativas” (Sesc São Paulo, s.d.).

Essa capacidade de gerar um efeito social sistêmico é destacada no Plano Estratégico do Sesc 2022-2026, que, numa autoavaliação nacional, aponta que “A análise dos cenários interno e externo corroborou as características do Sesc de ampla promoção de ações sociais, dada sua

competência técnica, sua capilaridade e seu poder de articulação em diferentes instâncias.” (Sesc, 2021). Essa relevância demanda, necessariamente, um cuidado redobrado com os princípios e metodologias aplicados nos trabalhos desenvolvidos, considerando o impacto sistêmico que essas ações geralmente possuem.

Importante salientar que a “transformação social”, apontada diversas vezes pelo Sesc em seu escopo institucional, não se limita ao atendimento exclusivo de comerciários (seu público prioritário), mas abrange também os territórios com os quais se relaciona. Isso é descrito no artigo on-line “68 anos de Transformação Social”, assinado por Abram Szajman, Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo: “Desde 1946, [o Serviço Social do Comércio] trouxe a marca da inovação e da transformação social por meio de um trabalho fundamentado no compromisso público com o bem-estar e a qualidade de vida dos trabalhadores do setor, bem como da comunidade em geral” (Szajman, 2014, p. 4). A realização de ações nesse escopo também é destacada na missão da instituição, reafirmada no Plano Estratégico 2022-2026: “Promover ações socioeducativas que contribuam para o bem-estar social e a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, de seus familiares e da comunidade, para uma sociedade justa e democrática” (Sesc São Paulo, 2020). O Relatório Anual de Gestão | 2023 ainda aponta que “[...] o compromisso do Sesc, instituído pelo Decreto-Lei nº 9.853/1946, está na realização de iniciativas de caráter assistencial que promovam o desenvolvimento integral dos indivíduos e coletividades” (Relatório Anual de Gestão, 2023).

SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO DESENVOLVIDO (POSSÍVEIS METODOLOGIAS)

Ainda no *Relatório Anual de Gestão | 2023*, são destacados os meios e formas pelos quais a instituição atinge seus objetivos, apontando para uma diversidade de atuações e para relações duradouras e cheias de significado.

DIVERSIDADE DE MEIOS E LINGUAGENS COM RELAÇÃO DURADOURA E SIGNIFICATIVA

Segundo consta também no *Relatório Anual de Gestão | 2023*:

“A concretização dessas ações é estabelecida por meio da intensa atuação nos campos artístico, físico-esportivo, de bem-estar, de saúde e lazer, de sustentabilidade, de turismo e assistência social, contribuindo com a transformação social a partir de experiências duradouras e significativas” (Relatório Anual de Gestão, 2023).

Outros aspectos importantes da forma de atuação podem ser observados nos itens a seguir.

EDUCAÇÃO COMO PRESSUPOSTO E CULTURA NO SENTIDO MAIS AMPLO

O Sesc destaca a educação como a base de suas ações, projetando todos os seus programas com fins educativos. Em seu site, a instituição afirma que seus resultados são fruto de um projeto cultural e educativo que promove inovação e transformação social. No Relatório Anual de Gestão | 2023, reforça que, para garantir o bem-estar e a qualidade de vida, desenvolve ações nas áreas de Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência, todas com uma finalidade educacional e voltadas ao interesse público. Essas ações abrangem diversas áreas, como arte, esporte, saúde, sustentabilidade e assistência social.

VALORES INSTITUCIONAIS COMO DIRETRIZES DE AÇÃO

A relação entre o Sesc e o território está definida no Plano Estratégico de 2022-2026, com o objetivo de "Reconhecimento da Instituição" e a priorização da incorporação dos valores institucionais no atendimento aos públicos. Destacam-se, no Relatório Anual de Gestão 2023, valores como Acolhimento, Diversidade, Excelência e Inovação, que orientam as interações com as comunidades. O Acolhimento visa criar um ambiente humanizado, a Diversidade promove práticas inclusivas, a Excelência foca na melhoria contínua das experiências e a Inovação busca novas maneiras de atender às demandas sociais e aprimorar o fazer institucional.

ABRANGÊNCIA DOS PÚBLICOS DE INTERESSE

Ainda no Relatório Anual 2023, na sessão públicos de interesses podemos observar o escopo ampliado de atores sociais com os quais o Sesc lida, cabendo destacar, pensando na ênfase na redução de desigualdades e na transformação social e no escopo do projeto Santo Amaro em Rede, a presença na comunidade local alternando entre os papéis de: instituições sociais e culturais, cooperativas, sociedade, outros profissionais e parceiros, fornecedores, meios de comunicação e clientela preferencial.



ESTUDO DE CASO: SANTO AMARO EM REDE

Para refletirmos sobre as relações entre territórios, mapeamentos socioculturais e políticas culturais com base nos valores e na missão do Sesc São Paulo, propomos como objeto de apreciação e referência o projeto de mapeamento “Santo Amaro em Rede: Culturas de Convivência”, fruto do relacionamento institucional do Sesc São Paulo, por meio de sua Unidade Operacional Sesc Santo Amaro, com a intensa dinâmica sociocultural da Zona Sul da Grande São Paulo e de alguns municípios circunvizinhos. O mapeamento foi uma iniciativa do Sesc Santo Amaro, concebida e implantada em parceria com o Instituto Pólis.²

² Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais. Trata-se de uma organização da sociedade civil (OSC) de atuação nacional, fundada em 1987 e constituída como associação civil sem fins lucrativos, que tem a cidade como seu principal lócus de atuação.

O Mapeamento “Santo Amaro em Rede: Culturas de Convivência” teve como objetivos conhecer o território abrangente do Sesc Santo Amaro, identificar as dinâmicas socioculturais locais e mapear seus protagonistas e interações. O Relatório Técnico, publicado pelo Sesc e pelo Instituto Pólis, detalha os processos e resultados da pesquisa de campo. Os produtos do projeto incluíram o relatório, uma publicação impressa e um site hipermídia, os quais traduzem visualmente a complexidade sociocultural da região, abrangendo áreas como Santo Amaro, Diadema, Itapecerica, Embu das Artes e Taboão da Serra.

Antes de apresentarmos o contexto histórico que propiciou a realização do projeto, vamos oferecer uma breve descrição do território citado, considerando suas características geográficas, demográficas e a pluralidade de sua população.

A Zona Sul de São Paulo, que abrange cerca de 50% do território municipal e possui uma população de 2,72 milhões de habitantes, destaca-se pela forte presença de migrantes nordestinos e por sua rica vida cultural. Apesar dos desafios sociais típicos das grandes cidades, a região é um polo artístico impulsionado por coletivos culturais colaborativos. Esses coletivos promovem a participação e o acesso à cultura, priorizando as experiências cotidianas e as interações sociais, além de buscarem garantir o direito ao acesso às produções culturais locais.

O Sesc Santo Amaro teve início em uma garagem de ônibus na Rua Amador Bueno, marcando o começo de suas atividades a Mostra de Artes “Mundão”. Durante dez dias, no ano de 1998, o evento reuniu centenas de artistas e esportistas numa confluência cultural inédita. Alguns relatos sobre a Mostra ajudam a situar essa experiência como um ponto de referência importante na história da unidade de Santo Amaro, que, naquele momento, começava suas relações com o entorno.

Chamaria o Mundão de Primeiro Mundão. Fez-me lembrar os Grandes Festivais Europeus, a multiplicidade, a originalidade e o nível das apresentações. O Paralamas adorou ter apresentado o show acústico para um público que foi devorar cultura. Parabéns ao Sesc São Paulo (Herbert Viana, músico)

O mais importante da iniciativa do Sesc foi a possibilidade de juntar uma diversidade enorme de pessoas e atividades culturais ao mesmo tempo e num único espaço. O Mundão serviu para atrair o público de uma região carente (Hugo Possolo, grupo Parlapatões, Patifes e Paspalho).

O evento explorou as instalações, então provisórias, desse espaço que atendeu o público até 2004, oferecendo parte dos programas do Sesc São Paulo. Quadra poliesportiva, salas de múltiplo uso, teatro e arena externa

são alguns dos espaços que receberam atividades esportivas, apresentações artísticas e ações formativas para públicos diversos.

Durante a construção da unidade definitiva, o Sesc Santo Amaro foi transferido para um espaço temporário na Avenida Adolfo Pinheiro, 940, onde ofereceu atividades como prevenção na saúde, expressão corporal, sala de leitura, credenciamento, espaço expositivo e acesso à internet. Diante das limitações físicas do local, a equipe técnica desenvolveu o “Plano de Ação”, que introduziu o conceito de “Mutirão Cultural”. Esse plano focou ações externas e o fortalecimento do diálogo entre o Sesc e as instituições e pontos de cultura da região, alinhando-os aos valores e formas de atuação da instituição.

Para viabilizar essa aproximação institucional, foi necessário identificar os equipamentos culturais, esportivos, de assistência social e de saúde, organizações não governamentais, praças, instituições públicas e privadas, veículos de comunicação e universidades. Essa iniciativa favoreceu a presença do Sesc nas territorialidades e manteve ativa a promoção de valores institucionais como acolhimento, diversidade, excelência e inovação.

Durante os anos de atuação, a unidade do Sesc Santo Amaro se deparou com uma rica e complexa realidade cultural, interagindo com diversos atores sociais. Reconhecendo a necessidade de expandir e aprofundar esse conhecimento, o Sesc estabeleceu parcerias com instituições especializadas (como o já mencionado Instituto Pólis) para realizar um mapeamento sociocultural da Zona Sul. O objetivo era criar uma cartografia que conectasse os pontos da rede local e abordasse as complexidades de um território em constante transformação.

O mapeamento “Santo Amaro em Rede” surge, assim, como uma demanda interna do Sesc para construir boas práticas de diálogo e interação com o território. O projeto resultou em um importante relatório que ilustra como instituições culturais podem se conectar com fazedores locais e aprofundar as relações socioculturais em seus territórios de atuação.

A iniciativa buscou mapear e fortalecer as relações entre diversos atores sociais, culturais e econômicos do bairro de Santo Amaro, em São Paulo. O Relatório técnico: pesquisa de mapeamento sociocultural – Santo Amaro em rede: culturas de convivência funciona como um documento orientador, refletindo sobre a importância do mapeamento sociocultural. Com base na pergunta “como compreender um território sem antes diagnosticá-lo?”, o relatório posiciona os mapeamentos como uma estratégia essencial para a gestão e planejamento cultural, contribuindo para o desenvolvimento urbano ao identificar o potencial criativo e fortalecer o reconhecimento local.

A escolha metodológica do mapeamento sociocultural é vista como uma ferramenta eficaz para defender a diversidade cultural e promover as políticas culturais. Baseando em experiências construídas com o território, esse mapeamento contribui para a construção de um futuro que reconheça direitos culturais, como a liberdade de expressão, o diálogo, o direito à ancestralidade e à invenção. Ele está diretamente ligado à garantia do direito à diversidade e deve ser realizado com base no diálogo e em metodologias flexíveis, permitindo que o processo seja influenciado pelos próprios elementos que estão sendo mapeados.

O principal critério do projeto “Santo Amaro em Rede” foi mapear as dinâmicas relacionadas às atividades já promovidas pelo Sesc, com foco na inserção e articulação dos grupos do território e em redes mais amplas. O mapeamento destacou a diversidade cultural como um direito fundamental e registrou as percepções dos grupos sobre suas práticas, abordando temas como direito à cidade, políticas públicas, violência, preconceito, economia da cultura, equipamentos sociais, meio ambiente, arte, cultura e representação na mídia.

O mapeamento foi baseado na criação de um questionário qualitativo/quantitativo desenvolvido ao longo de quatro meses, com uma colaboração entre os técnicos do Instituto Polis e do Sesc Santo Amaro. O questionário ajudou a mapear, difundir e fortalecer práticas culturais no território, qualificando ações culturais e registrando a memória local. Além disso, permitiu quantificar e classificar dinâmicas do território, ampliando e consolidando a rede entre o Sesc e os atores locais. Destacaram-se ações como conhecer o território, considerar as demandas culturais locais, valorizar a cultura pública e coletiva e promover a pesquisa e a preservação da história local.

Após a criação do questionário, as equipes do Polis e do Sesc Santo Amaro selecionaram e prepararam agentes culturais locais, principalmente jovens da Zona Sul, para realizar as pesquisas de campo do projeto. A preparação, que durou cinco semanas, incluiu exercícios práticos e teóricos sobre o conteúdo do questionário, além de temas como cartografia, políticas culturais e urbanismo.

O mapeamento identificou 1.500 dinâmicas, das quais 323 foram efetivamente incluídas no projeto. A utilização da técnica da “bola de neve”, em que os próprios mapeados indicavam outros agentes para participar, favoreceu a descoberta de novas dinâmicas até os momentos finais do trabalho.

O mapeamento abrangeu diversas temáticas, incluindo educação formal e não formal, esporte, lazer, saúde, gênero, etnias, meio ambiente, linguagens artísticas, cultura alimentar, direitos humanos, juventude,

terceiridade, culturas tradicionais, memória local, comunicação e mídia. Essa diversidade reflete a amplitude e a potência das dinâmicas socioculturais do projeto, que priorizou a inserção no território, o protagonismo na articulação de redes e a valorização da diversidade de práticas. Contudo, o processo foi complexo e dialógico, enfrentando desafios e críticas.

DESAFIOS E PROSPECÇÕES

A proposta do Sesc com o “Santo Amaro em Rede” foi fortalecer uma teia de relações entre a instituição e a comunidade local, reconhecendo e valorizando as diversas expressões culturais e sociais presentes na região. Ao criar essas conexões, o objetivo era garantir que as ações culturais fossem não apenas inclusivas, mas também representativas, respeitando as especificidades e demandas locais.

No entanto, conectar-se com o território envolve desafios significativos, tanto internos quanto externos. Internamente, as equipes enfrentam dificuldades para ajustar seus métodos às realidades locais, enquanto, externamente, a comunidade pode demonstrar desconfiança quanto às intenções da instituição. Para lidar com esses obstáculos, a análise das entrevistas com os agentes envolvidos é essencial para compreender as percepções e aprendizados ao longo do projeto.

O mapeamento realizado pelo projeto “Santo Amaro em Rede” foi fundamental para compreender as dinâmicas socioculturais locais, bem como os protagonistas e suas redes de influência. Contudo, a continuidade dos trabalhos após o mapeamento é um aspecto crucial, pois deve considerar as expectativas da comunidade e alinhar o projeto às suas necessidades. Esse tipo de abordagem é indispensável para qualquer intervenção cultural ou social, pois fornece um panorama das interações e fluxos que moldam o território.

A pesquisa adotou métodos qualitativos e participativos para capturar a diversidade de vozes e perspectivas da região. Com isso, buscou-se aproximar a instituição da comunidade e reafirmar os valores do Sesc. Apesar desse esforço, há o risco de que algumas vozes sejam marginalizadas ou que certas ações socioculturais não sejam totalmente representadas no processo. A percepção da comunidade sobre o mapeamento pode variar: enquanto alguns o veem como uma oportunidade de reconhecimento, outros podem sentir que suas realidades não foram adequadamente captadas.

O projeto também enfrentou perdas durante o processo, como a descontinuação do site-hipermídia, que teve vida curta. Isso gerou uma sensação de desconexão entre a instituição e as realidades locais, resultando em frustrações tanto na comunidade quanto entre os agentes envolvidos.

O site tinha como proposta oferecer visibilidade digital às dinâmicas locais e seus protagonistas, permitindo a formação de redes e fortalecendo debates e ações no território. Sua ausência comprometeu umas das principais metas do mapeamento.

Apesar dessas dificuldades, uma das principais contribuições do “Santo Amaro em Rede” foi demonstrar que o mapeamento e a pesquisa territorial devem ser processos contínuos, flexíveis e adaptáveis às mudanças do território. O projeto destacou a importância de uma escuta ativa e de uma abordagem colaborativa, além de reforçar a necessidade de transparência e diálogo constante. Essas práticas não apenas ajudam a evitar resistências, mas também constroem relações de confiança mútua.

Entendemos que o “Santo Amaro em Rede” foi um projeto de impacto significativo que, mesmo diante de desafios e críticas, trouxe contribuições importantes para a compreensão de boas práticas de conexão institucional com seus territórios de atuação.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS QUALITATIVAS

Para compreender melhor o impacto do “Mapeamento Santo Amaro em Rede”, o grupo entrevistou quatro agentes de diferentes frentes envolvidas no projeto: Sesc, Instituto Pólis, artistas e articuladores da Zona Sul de São Paulo. As entrevistas incluíram Maurício Del Nero, coordenador de Programação do Sesc; Ana Paula do Val, gestora cultural e coordenadora do Instituto Pólis; Euller Alves, artista e coordenador do Coletivo Umoja; e Sérgio Vaz, poeta e fundador da Cooperifa. Além disso, Suzi Soares, produtora cultural do Sarau do Binho, também contribuiu com sua fala, que foi incorporada à análise.

Para estruturar as entrevistas e compreender as perspectivas dos agentes com base em um fio condutor, elas foram divididas em categorias: histórico (incluiu motivação, histórico anterior ao projeto e formação de equipe); metodologia de mapeamento (incluiu expectativas iniciais, desafios enfrentados por cada ator e percepções sobre os principais elementos necessários para uma boa condução do mapeamento); pontos que dialogam com valores e missões do Sesc; e desdobramentos, incluindo pontos positivos e pontos a melhorar (que trouxeram questões como articulação da comunidade pós-mapeamento; efeitos nas instituições, nos coletivos e nos sujeitos).

HISTÓRICO

O histórico da pesquisa é fundamental para entender suas motivações e o contexto em que o projeto “Santo Amaro em Rede” está inserido. Conforme apresentado, a gestão cultural evoluiu ao longo do tempo, ora com viés mais conservador, ora com uma visão mais ampliada. Essa análise é necessária para compreender o momento histórico em que o projeto foi realizado, refletindo-se falas dos entrevistados.

O ano de 2003, com Gilberto Gil no Ministério da Cultura, marcou uma transformação nas políticas culturais brasileiras, com foco em alcançar grupos e localidades marginalizadas. Em 2004, o Ministério lançou o Programa Cultura Viva, alinhado a uma abordagem antropológica da cultura, promovendo políticas culturais participativas e fortalecendo grupos e agentes culturais periféricos por meio dos Pontos de Cultura.

No contexto nacional, a Zona Sul de São Paulo já abrigava uma ampla rede de artistas e grupos com diversas influências culturais e práticas artísticas. Como relata Euller Alves, um dos agentes culturais da região, essa rede já existia e se fortalecia continuamente. Ele destacou que, por meio de seu coletivo e do projeto “Noite dos Tambores”, ele e outros agentes culturais já estavam integrados ao Cultura Viva, demonstrando que o processo cultural e artístico da Zona Sul foi construído com base nessa articulação de redes.

Porque a gente não está falando só de música, de dança e de teatro. A gente está falando de moda, de artesanato, está falando de todos esses aspectos que o Santo Amaro em rede propôs falar. A rede sempre esteve presente aqui nesta ação, quando a gente precisa a rede é acionada. Isso é o mais importante dessa [...], desse viver cultural periférico, que é você saber que você tem a rede. (Alves, 2024).

Diante do cenário apresentado, os agentes culturais Euller Alves e Sérgio Vaz destacam a importância de haver um equipamento cultural na região. Segundo Sérgio Vaz, “o Sesc surge no momento e que não tinha políticas públicas na nossa quebrada. Tanto é que o sarau da Cooperifa acontecia num bar; o sarau do Binho, era num bar; o sarau elo da corrente é num bar; o sarau da brasa, num bar”. Para Euller, a unidade provisória já se mostrava um equipamento diferenciado, trazendo fruição e difusão

cultural para o bairro. Ele menciona como exemplo a Festa Junina do Sesc Santo Amaro, que, em suas palavras. “era um negócio big, assim, era um negócio sensacional. Alceu Valença, vinha gente importante aqui, cultura popular em peso, então, fazia muita coisa bacana em Santo Amaro”. Sergio Vaz, por sua vez, traz um elemento que transcende a fruição e difusão, apontado a vontade do Sesc em aprofundar sua atuação no território. Ele ressalta que “a rede cultural da região sempre existiu, porém enquanto metodologia estruturada de trabalho do mapeamento local, foi desenvolvido e realizado pelo Sesc”.

Do ponto de vista institucional, destaca-se o período em que a unidade Sesc Santo Amaro operou em sua configuração provisória e o quanto isso contribuiu para a compreensão do território. De acordo com relato de Maurício Del Nero, então coordenador de programação da unidade, “Santo Amaro era uma unidade na transição, uma unidade provisória. Trabalhei 14 anos no Sesc Santo Amaro, mas nesses 14 anos eu digo que trabalhei em 3 unidades diferentes, porque foram 2 provisórias com características distintas e depois o prédio”.

Os anos de atuação na unidade provisória despertaram, segundo Maurício, a compreensão de que era papel do Sesc manter o olhar para a localidade e seus fazedores de arte, cultivando essa relação criada com a comunidade e ampliando-a. Diversos projetos precederam o mapeamento, como o “Maquete Caminhos de Santo Amaro”, uma experiência de seis meses em que cerca de 500 jovens da região sul, juntamente com o Centro Universitário Senac, foram a campo para trazer referências do território. Esse projeto ampliou, no olhar dos gestores, a necessidade de se traçar um efetivo mapeamento de tal território.

A compreensão do conceito de mapeamento sociocultural, no entanto, é um desafio que exige tempo, pesquisa e escuta. Maurício relata que, no início, a equipe acreditava que a simples coleta de dados seria suficiente para caracterizar o mapeamento, mas logo percebeu que essa visão era superficial. Entenderam que mapear vai muito além da coleta de informações brutas.

Nesse contexto, a equipe Sesc buscou construir um mapeamento mais aprofundado do território e, ao contratar o Instituto Pólis – reconhecido por sua expertise em mapeamento sociocultural –, foi apresentada a uma perspectiva mais ampla. De acordo com Maurício, o Instituto Pólis alertou: “mapeamento não é só isso; mapeamento é muito mais do que vocês estão pensando”. Esse alerta foi um divisor de águas na abordagem metodológica, no desenvolvimento e na construção do projeto “Santo Amaro em Rede”.

Segundo Ana Paula do Val, coordenadora do Instituto Pólis, o projeto nasceu da ideia do Sesc Santo Amaro de estruturar uma rede de convivência e articulação no território, com o objetivo de mapear a cultura local e fortalecer essa conexão. Ela destaca que havia uma conjuntura favorável, na época, com as políticas culturais dos anos 2000 focadas na cidadania e nos direitos culturais, buscando conectar essas questões às realidades locais.

A aproximação com o Instituto Pólis marcou o início da concepção e compreensão do trabalho estrutural do mapeamento, que envolveu não apenas a criação da pesquisa e coleta de dados, mas também a interpretação dessas informações dentro de um contexto social, econômico e cultural mais amplo.

METODOLOGIA DO MAPEAMENTO

A chegada da unidade provisória do Sesc em Santo Amaro, inserida no contexto histórico de efervescência das políticas culturais, foi fundamental para a defesa do direito de todos os cidadãos à apropriação e transformação do espaço urbano. Essa iniciativa enfatizou a importância da participação ativa na produção da cidade.

O processo de articulação e conhecimento territorial do projeto “Santo Amaro em Rede” foi marcado por uma metodologia coletiva e participativa, considerada essencial para o sucesso do mapeamento. De acordo com os entrevistados, tanto as instituições quanto os agentes culturais reconhecem a atuação histórica da unidade provisória como um elemento crucial para o bom desenvolvimento do projeto, destacando a colaboração de diversos grupos e coletivos da região que já interagiam com a unidade.

Maurício Del Nero relata que o Instituto Pólis foi responsável por introduzir a metodologia, enquanto o Sesc ficou encarregado da contratação dos pesquisadores. Segundo ele, foram cerca de 12 pesquisadores, sendo que “precisavam ser funcionários da unidade, porque a gente queria que esse conhecimento ficasse também para a equipe. E os outros 10 eram pessoas que estavam na universidade, e pessoas indicadas pelo Pólis e da própria comunidade”. Isso demonstra como os valores institucionais do Sesc, como o compromisso com a transformação social por meio de experiências duradouras e significativas, estiveram presentes desde a estruturação metodológica do projeto.

Essa abordagem coletiva e participativa é reforçada por Ana Paula do Val, que destaca “que a equipe foi formada por profissionais do Pólis e representantes de grupos culturais da região, como parte de uma abordagem participativa, envolvendo diretamente os atores locais”.

A formação da equipe foi crucial para o sucesso da pesquisa. Composta por profissionais de diversas áreas, ela trouxe múltiplas perspectivas e experiências. Essa interdisciplinaridade permitiu uma abordagem mais abrangente, considerando as diversas facetas da cultura e da sociedade no processo de coleta e análise dos dados.

Euller Alves, um dos agentes culturais que participou do mapeamento, enfatiza a importância da presença de agentes culturais locais como pesquisadores remunerados, muitos deles pessoas próximas ao entrevistado. Ele afirma que: “não tinha outro jeito de fazer isso, senão com as pessoas que estavam aqui no território”.

Outro aspecto importante destacado pelos entrevistados e mencionado no Relatório Técnico do Mapeamento foi a utilização da metodologia “bola de neve”, que consiste em ampliar o número de entrevistados por meio de indicações feitas pelos participantes iniciais, expandindo o alcance do território para além das fronteiras geográficas e conectando bairros onde a rede cultural também estava presente.

Nesse sentido, Euller ressalta que a metodologia da “bola de neve” ajudou o próprio território a se conectar: “você vê o tamanho que é o território, o tamanho que é essa cidade. [...] Quando uma pesquisadora chegava e dizia que uma outra ação tinha indicado você, aí você se surpreendia porque uma outra pessoa conhecia sua ação”. Ele acrescenta: “o processo de metodologia de aglomerar que o Sesc possibilitou, nos fez reconhecer o potencial que a zona sul tinha, e eu acho que isso nos fortaleceu imensamente”.

Por sua vez, Sérgio Vaz relata que, embora não tenha atuado como pesquisador, sua contribuição foi abrir as portas para os entrevistadores e dizer: “Pode vir na quebrada, tamo aqui”.

EXPECTATIVAS INICIAIS: DESAFIOS DE CADA ATOR

A relação entre instituições culturais como o Sesc e os territórios é essencial para a eficácia das ações culturais e sociais. A pesquisa mostra que a aproximação com os territórios e suas diversidades culturais exige uma compreensão profunda das dinâmicas locais, das demandas da comunidade e dos desafios enfrentados. Nesse contexto, é importante analisar como essa interação ocorreu, os desafios encontrados e as expectativas geradas durante o processo de mapeamento.

Apesar do histórico de interação da unidade provisória com a localidade e da construção de uma metodologia coletiva e participativa, a aproximação entre o Sesc e o território enfrentou desafios. Um dos principais obstáculos foi a resistência de alguns segmentos da comunidade, que viam

a instituição com desconfiança, muitas vezes em decorrência de experiências negativas anteriores com outras entidades externas, frequentemente percebidas como “mais um solucionador de problemas”.

Euller Alves nomeia essa questão como “resistência cultural”, uma situação vivenciada por muitos agentes culturais periféricos em diferentes momentos. Essa desconfiança aparece também no depoimento de Sérgio Vaz: “A gente, no fundo, estava meio desconfiado também. E a gente achou que não ia ser duradouro. A gente achou que que era uma armadilha”.

Os entrevistados apontaram que os principais pontos necessários para a boa condução do mapeamento foram a escuta ativa, a transparência nas intenções do projeto e a construção de relações de confiança.

DESAFIOS E POTENCIALIDADES

A aproximação entre o Sesc e o território, assim como a consolidação do mapeamento, foi um processo complexo, que exigiu escuta, colaboração e adaptação às realidades locais. Os desafios enfrentados, como a desconfiança da comunidade e a diversidade cultural, evidenciam a necessidade de uma abordagem respeitosa. As expectativas em relação ao mapeamento iam além de coletar dados: visavam compreender profundamente o território e promover ações que atendessem às necessidades locais, transformando o mapeamento em um processo coletivo de construção de conhecimento e fortalecimento da cultura local.

Sustentabilidade e continuidade são dois dos principais desafios relacionados à manutenção das ações culturais a longo prazo, considerando aspectos financeiros, institucionais e de engajamento comunitário.

Entre as potencialidades do projeto, destacam-se o fortalecimento da rede de articulação artística, os laços comunitários e a construção e o reconhecimento de uma identidade cultural local. No próximo tópico exploraremos como essas boas práticas podem contribuir para a promoção da diversidade e da democracia cultural.

EFEITOS DO MAPEAMENTO SOBRE O TERRITÓRIO: UNINDO AS QUEBRADAS

Dentre os efeitos do mapeamento cultural sobre o território, destaca-se o processo de identificação e registro de manifestações culturais, artistas, grupos, espaços e patrimônios locais. Ao organizar essas informações de forma sistemática, o mapeamento valoriza a diversidade cultural, fortalece a identidade local e promove o empoderamento da comunidade. Isso gera um sentimento de pertencimento e estimula a autovalorização dos artistas locais, permitindo que eles se tornem protagonistas de suas histórias e, assim, ganhem visibilidade regional.

Sérgio Vaz, em sua entrevista, destacou a desconexão entre comunidades no entorno de Santo Amaro, que, embora semelhantes, não se reconheciam nem interagiam. Ele relembra que o projeto foi realizado em um período anterior à grande profusão e difusão das redes sociais como as conhecemos hoje. Com o mapeamento do projeto “Santo Amaro em Rede”, essas conexões, “essas teias”, como ele diz, foram se ampliando:

Para mim foi historicamente muito importante, até porque quando a gente conversou com outras pessoas, a gente percebeu que na quebrada o que mudava de um lugar para o outro era o CEP, somente o CEP. Então eram todos os mesmos personagens, as mesmas personagens, que só mudava o nome, porque na periferia dessa época ainda não existia um grupo de WhatsApp. Então, quando a gente conversou com essas pessoas, a gente percebeu que estava todo mundo imbuído na mesma causa, então acho que uma das coisas que o Sesc fez foi unir as pessoas, aproximar pessoas de várias quebradas numa quebrada só (Vaz, 2024.)

O mapeamento cultural não se limita à coleta de informações; ele também promove a criação de redes de interação entre artistas, coletivos e espaços culturais, incentivando a cooperação e o intercâmbio de ideias. Esse processo facilita o surgimento de novos projetos colaborativos e impulsiona o desenvolvimento de inovações no setor cultural. Com o conhecimento detalhado do ecossistema cultural local, os agentes culturais podem identificar parceiros potenciais e explorar novas formas de atuação conjunta, como destaca Maurício Del Nero:

A gente a todo momento ia lançando mão de estratégias para que eles buscassem autonomia e esse crescimento, e essa aproximação. É um outro dado, a gente percebeu nesse primeiro levantamento que assim, territórios muito próximos entre eles - Grajaú e Jardim São Luís - não existia nenhuma conexão entre eles, porque tem uma represa no meio. É uma questão geográfica que mais uma vez que impede. O projeto trouxe essa conexão e aí eles buscam isso e aí começam a se relacionar (Nero, 2024.)

Vale ressaltar que o projeto de mapeamento do território promove a valorização das diversas linguagens artísticas, expressões culturais e produções realizadas em Santo Amaro, uma das regiões mais pulsantes da periferia da Zona Sul de São Paulo. Nessa localidade, a arte e a cultura periféricas se afirmam como protagonistas no cenário cultural da cidade, conforme ressalta Maurício Del Nero:

Hoje a gente se reconhece, a periferia da zona sul como um espaço pulsante da cultura da cidade, mas antes não, era visto com preconceito. Se falava muito isso, a gente quer que o pessoal do lado de lá da ponte venha pro lado de cá, toda hora querem que o lado de cá vá pro lado de lá da ponte, mas a gente quer que as pessoas venham aqui, e isso aconteceu (Nero).

O projeto “Santo Amaro em Rede” amplia a concepção de cultura ao adotar um olhar antropológico. O preconceito mencionado por Maurício também aparece nas palavras de Sérgio Vaz, que relata o “estigma do hip hop, do negro agressivo. Da academia que achava que era uma afronta a gente fazer poesia: um semianalfabeto. Uma poesia que só fala de negritude, de racismo, de violência policial. A gente também estava se desco-brindo dessa forma”. Sérgio Vaz continua seu depoimento afirmando que:

Um cara que viu amigos serem mortos, gente sobrevivente de chacinas, de grupo de extermínio. Gente que mudou dali porque o cemitério São Luiz quando chovia, via os caixões se esparramarem. Uma cena de hor-ror, uma cena de Walking Dead. Você ser um cara que participou desse progresso para quebrada é muito foda. Não dá para ser menos arrogante. [...] Porque o Sesc é um legado de todos nós. Então, pessoalmente, eu acho muito foda ter colaborado. Eu acho fantástico eu ter colaborado com isso, como persona de quebrada, que ainda vive na quebrada, pas-sar ali e falar ‘nós ajudamos ali, eles reconhecem nosso trabalho (Vaz).

As manifestações culturais produzidas em Santo Amaro são também um ato de resistência. Em uma sociedade que historicamente marginaliza as periferias, a ascensão e a visibilidade das manifestações culturais locais representam um movimento de empoderamento social e cultural. A arte periférica não apenas questiona as condições culturais impostas, mas também demonstra que a produção cultural não está restrita aos centros tradicionais, pulsando com força e criatividade em outras territorialida-des. Segundo Euller Alves, após anos do projeto “Santo Amaro em Rede”: “hoje tem outro cenário, tem outra coisa, tem outra possibilidade. Eu digo a vocês que nesse meio tempo, de formação acadêmica, a gente tem doutor, a gente tem mestre, a gente tem professor. Imagina o arcabouço intelec-tual que foi criado em 16 anos”.

Ao aproximar-se do território por meio de uma dinâmica de promoção de encontros, o Sesc não apenas fortalece conexões entre os atores locais, mas também amplia o próprio repertório institucional de iniciativas so-ciais e culturais. Essa aproximação promove a visibilidade e a projeção de pessoas e coletivos locais ao “chancelar” essas iniciativas, como aponta Sérgio Vaz:

Assim como o Sesc fez a gente se reunir e fazer conexões na quebrada, a gente fez o Sesc também se conectar com aquilo que o Santo Amaro queria na época. Os Sesc foram abrindo as portas paulatinamente. A gente fez turnê praticamente pelo Brasil inteiro, pelo Sesc. Era como se o Santo Amaro em Rede também desse o selo de qualidade (Vaz, ano).

DESAFIOS DE DESCONTINUIDADES

Ao refletirmos sobre as dificuldades e os desafios enfrentados nesse processo, é importante considerar outro ponto de vista que reconhece as conexões geradas durante o projeto “Santo Amaro em Rede”, mas aponta para os impactos das mudanças ocorridas no contexto institucional. A proximidade da inauguração da unidade definitiva e a transição na gestão parecem ter interferido na dinâmica das relações estabelecidas, gerando uma sensação de ruptura na relação e de abandono das expectativas criadas, conforme destaca Euller:

Agora, aí você faz uma provocação nessa amplitude, e aí quando o institucional do Sesc percebeu que não ia dar conta, cortou a história. Acabou. Acabou muito rápido. Fez um processo de construção elevatório e depois acabou. É como a terra plana, acaba do nada. E aí nesse meio tempo a unidade se ergue, a gestão é trocada inteira, vai cada um para um canto, e a gestão que entra no Santo Amaro fechou as portas para essa rede (Alves).

Suzi Soares, produtora cultural do Sarau do Binho e da Feira Literária da Zona Sul (FELIZS), convidada para o Curso Sesc de Gestão Cultural, na aula sobre Gestão em Literatura, também participou do projeto “Santo Amaro em Rede”. Ela destaca a importância das instituições culturais, como o Sesc, no fortalecimento dessas redes e no apoio às iniciativas locais.

Eu acho isso de extrema importância, porque às vezes é a única oportunidade que aquele artista local vai ter pra se apresentar, porque se o Sesc do bairro não convida ele, então quem convida? Se ele não tem nenhum CNPJ, se ele não tem um portfólio, então esse Sesc das periferias, eles abrem essas portas, criam programas e projetos dentro de cada unidade para tentar inserir esses grupos. O Sesc Campo Limpo, por exemplo, a gente sente como o nosso quintal, a gente vai lá, encontra as pessoas todas ali do bairro (Soares, ano).

Porém, assim como o entrevistado Euller, Suzi também ressalta uma mudança na relação entre o Sesc e a comunidade após a abertura da unidade definitiva.

A gente sentiu um pouco, logo depois que construiu a unidade, a gente ouviu de muitas pessoas que tiveram, que participaram desse processo, que a gente se sentiu um pouco abandonado depois que o processo foi concluído, sabe? Quando a unidade ficou pronta a gente ainda esteve por ali, mas depois foi mudando a gestão e tal. Mas hoje eu percebo que em muitas unidades do Sesc, principalmente as periféricas, estão fazendo isso, estão trazendo os artistas do território para realizarem as ações ali [...]. Então é muito importante (Soares).

As falas indicam dificuldades na manutenção de uma relação próxima com o território após a inauguração da unidade definitiva e a troca de gestão. A reestruturação periódica das equipes do Sesc e as transformações nos territórios impactaram diretamente o projeto. Muitos dos grupos mapeados se desfizeram, enquanto outros ficaram fora do alcance do mapeamento.

Apesar da sensação de ruptura com a unidade de Santo Amaro, o Sesc continua atuando em rede, com mais de 40 unidades no estado de São Paulo. A inauguração da unidade do Sesc Campo Limpo, posteriormente, ajudou a manter essa rede em circulação, e outras unidades também passaram a investir mais em suas conexões com os territórios.

As conexões geradas pelo projeto “Santo Amaro em Rede” também trouxeram para o território uma perspectiva que enfatiza que ele pertence ao bairro, e não ao Sesc. Maurício comenta que “as ações programáticas, em parceria com o território, continuaram acontecendo, mas não da mesma medida”.

Como é característico de regiões multiculturais com dinâmicas socioculturais complexas, como a Zona Sul, essas conexões transcendem os muros da instituição.

Ações culturais descentralizadas geram impactos significativos, atraindo espectadores para regiões periféricas, redistribuindo o fluxo cultural das cidades e fortalecendo a integração entre diferentes territórios. Segundo Sérgio Vaz, com o fortalecimento dessa rede cultural territorial – do qual o projeto de mapeamento foi um elemento crucial –, as pessoas começaram a visitar Santo Amaro, pois “o território agora estava no mapa cultural da cidade. Santo Amaro aparece com notícia cultural e não policial no Fantástico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos conceitos abordados no Curso Sesc de Gestão Cultural e da análise do projeto “Santo Amaro em Rede”, a pesquisa analisada teve como objetivo levantar boas práticas e desafios nas relações entre as unidades do Sesc e os territórios de seu entorno, adotando o mapeamento como uma ferramenta estratégica nessa relação.

Embora o mapeamento ofereça um olhar parcial e momentâneo – apresentando um panorama geral e recortado do universo representado –, entendemos que a experiência do “Santo Amaro em Rede” pode gerar reflexões importantes sobre práticas de construção coletiva e dialógica entre o Sesc e as comunidades do entorno.

Como boas práticas na relação, destacam-se, com base na análise do Relatório Técnico e das entrevistas com os agentes culturais: a escuta ativa como ponto de partida; a dedicação de uma equipe exclusiva do Sesc, sem sobrecarga de demandas ordinárias; a aproximação respeitosa com o território e sua cena cultural; a descentralização do mapeamento, que inclui centenas de grupos e experiências; e a remuneração e formação cuidadosa dos pesquisadores, que eram residentes dos bairros pesquisados.

Esses fatores foram fundamentais para a sistematização e o comprometimento com a pesquisa.

Destacamos, ainda, fatores que contribuíram para o desenvolvimento do mapeamento: parceria com o Instituto Pólis – que trouxe expertise metodológica essencial –, as escolhas metodológicas bem estruturadas, a continuidade dos trabalhos e os contextos político e institucional favoráveis na época. Além disso, o projeto foi concebido com parceiros do território, garantindo um benefício coletivo.

Outro ponto marcante, segundo a análise técnica do Relatório Técnico, foi o reconhecimento do mapeamento como um ambiente frutífero para o desenvolvimento administrativo de coletivos culturais antes mais distantes do Sesc. Isso fomentou o intercâmbio entre protagonistas culturais e instituições sociais de caráter associativo e reivindicativo.

Um destaque positivo foi a proposta de criação de um site hipermídia, que buscava dar visibilidade ao mapeamento sociocultural e explorar as possibilidades criativas dessa interface. O site foi um valioso instrumento de pesquisa, democratizando o acesso às informações e apresentando, por meio de uma linguagem visual, a complexidade das dinâmicas culturais mapeadas. No entanto, o site não está mais disponível. Embora pudesse ser uma ferramenta importante para consulta e análise, seria necessário adaptá-lo às exigências da Lei Geral de Proteção de Dados, além de solucionar questões técnicas relacionadas à manutenção de servidores ou uso de plataformas open source.

Entre os desafios destacados estão: a falta de sistematização nas práticas de mapeamento durante a abertura de novas unidades do Sesc; a dificuldade de atualizar as informações e relações mapeadas após a inauguração; a reintegração dos atores mapeados à programação do Sesc, dificultada pela grande área territorial coberta pelo mapeamento, que incluiu diversos municípios.

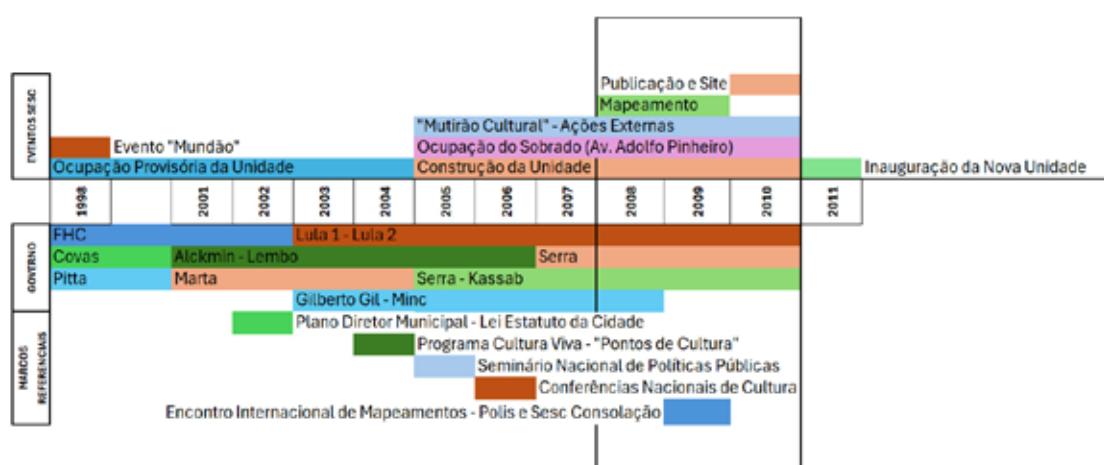
Uma gestão territorializada que combine a missão institucional com a diversidade cultural dos territórios deve ser vista como uma ética. Essa abordagem deve estar presente desde o planejamento até a execução e avaliação das ações. Sistematizar o mapeamento e fortalecer as relações institucionais com os agentes culturais locais são passos essenciais para evitar que os projetos dependam exclusivamente de equipes específicas, protegendo as iniciativas de possíveis descontinuidades.

Uma relação perene entre a instituição e o território previne a armadilha de uma democratização cultural às avessas: em vez de levar uma cultura pretensamente oficial aos territórios, é necessário trazer as manifestações culturais desses territórios para a instituição, entendida como um espaço de validação cultural. Esse diálogo permanente com as pessoas do território deve ir além do mero assistencialismo, tornando-se uma condição fundamental para a existência de um equipamento cultural.

Esperamos que a pesquisa contribua para o pensamento crítico sobre mapeamentos culturais, bem como para nossa prática como gestores culturais. Que possamos compreender e utilizar os mapeamentos como instrumentos de promoção, preservação e difusão da diversidade cultural, além de ferramentas estratégicas para avançar na formação de público e qualificar planejamentos e ações voltados ao desenvolvimento cultural em nossos territórios de atuação.

ANEXO

CONTEXTO HISTÓRICO - REPRESENTAÇÃO CRONOLÓGICA DAS AÇÕES DO "SANTO AMARO EM REDE"



REFERÊNCIAS

- ALVES, Euller. Entrevista concedida a Diogo Bueno sobre o Santo Amaro em Rede, *on-line*, 5 set. 2024.
- AS DIMENSÕES da cultura e o lugar das políticas públicas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001.
- EVENTO Mundão invade Santo Amaro. *Sesc São Paulo*. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/318_EVENTOMUNDAO+INVADE+SANTO+AMARO. Acesso em: 2 set. 2024.
- INSTITUTO PÓLIS. *Relatório Técnico: Pesquisa de Mapeamento Sociocultural – Santo Amaro em Rede: Culturas de Convivência*. São Paulo, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2008. 2. reimp. 2010. 3. reimp. 2011.
- NERO, Maurício Del. Entrevista concedida a Diogo Bueno sobre o Santo Amaro em Rede, *on-line*, 29 ago. 2024.
- PLANO Estratégico do Sesc São Paulo 2022-26. São Paulo: Sesc São Paulo, 2020. Disponível em: <https://transparencia-sp.sesc.com.br/uploads/documento/27/27/20230612171942-2022-plano-estrategico.pdf>. Acesso em:
- QUEM Somos. *Sesc São Paulo*. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/quem-somos/apresentacao/>. Acesso em: 24 set. 2024.
- RELATÓRIO Anual de Gestão 2023 Sesc São Paulo. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/transparencia/RelatorioAnualdeGestao2023-950857160835.pdf>. Acesso em:
- SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/2020/>. Acesso em: 20 set. 2024.
- SESC. Departamento Nacional. *Plano Estratégico do Sesc 2022 - 2026*. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://transparencia-pi.sesc.com.br/uploads/documento/18/300/20220714101623-2022-plano-estrategico.pdf>. Acesso em:
- SZAJMAN, A. 68 anos de transformação social. *Revista E*, p. 4, ago. 2014.
- TÁVORA, Tatiani. Sociedade civil e gestão da cultura: relevância e meios para a participação. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 7, nov. 2018.
- VAL, Ana Paula do. Entrevista concedida a Diogo Bueno sobre o Santo Amaro em Rede, *on-line*, 4 set. 2024.
- VAZ, Sergio. Entrevista concedida a Diogo Bueno sobre o Santo Amaro em Rede, *on-line*, 18 set. 2024.